RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

LUTOS INVIABILIZADOS NA INFÂNCIA E AS MARCAS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

UNRECOGNIZED GRIEF IN CHILDHOOD AND ITS MARKS ON CHILD DEVELOPMENT

LUTOS INVIABILIZADOS EN LA INFANCIA Y LAS MARCAS DEL DESARROLLO INFANTIL

Maria Michelle Correia de Melo[1]
Centro Acadêmico da Vitoria de Santo Antão –UNIVISA-Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil
Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia
E-mail: maria.202124021@univisa.edu.br

Allyne Evellyn Freitas Gomes [2]
Centro Acadêmico da Vitoria de Santo Antão –UNIVISA-Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil
Mestre em Psicologia cognitiva e docente do Curso de Bacharelado em Psicologia.
E-mail: allyne.gomes@univisa.edu.br

Murilo Leonardo da Cunha[3]
Centro Acadêmico da Vitoria de Santo Antão –UNIVISA-Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil
Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia
E-mail: murilo_vitoria@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os lutos invisibilizados na infância e suas implicações para o desenvolvimento infantil, considerando que experiências de perda nesse período nem sempre são socialmente reconhecidas como formas legítimas de luto. Parte-se da compreensão de que separações, rupturas de vínculos afetivos, mudanças de contexto e negligência emocional podem repercutir significativamente no desenvolvimento psíquico da criança, embora frequentemente sejam naturalizadas ou desconsideradas pelos adultos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-conceitual, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, fundamentada em referenciais clássicos da psicanálise e do desenvolvimento humano, especialmente Freud, Bowlby, Winnicott, Ferenczi e Erikson. A análise teórica permitiu compreender

[1] Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) E-mail: maria.202124021@univisa.edu.br

[2] Professora Universitária; Orientadora; Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). Mestra pela UFPE; Palestrante; Psicoterapia de Adolescentes, Adultos e Pessoas Idosas; Professora do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA); Psicóloga CRP 02/17920. E-mail: allyne.gomes@univisa.edu.br

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

que experiências de perda não reconhecidas ou insuficientemente elaboradas podem interferir na constituição psíquica infantil, afetando processos de simbolização, o estabelecimento de vínculos afetivos seguros e a regulação emocional. Os referenciais analisados também sugerem que o ambiente exerce papel central na elaboração das perdas, de modo que a ausência de escuta e validação do sofrimento infantil pode intensificar processos de sofrimento psíquico e favorecer manifestações emocionais e comportamentais. Conclui-se que os lutos invisibilizados na infância constituem um campo relevante de investigação, com implicações para a saúde mental infantil e para práticas de cuidado, educação e clínica psicológica, reforçando a necessidade de maior reconhecimento e acolhimento das experiências subjetivas da criança.

Palavras-chave: Luto infantil. Desenvolvimento infantil. Psicanálise. Sofrimento psíquico. Vínculos afetivos.

Abstract

This article aims to analyze unrecognized forms of grief in childhood and their implications for child development, considering that experiences of loss during this period are not always socially acknowledged as legitimate forms of grieving. The study is based on the assumption that separations, disruptions of affective bonds, changes in context, and emotional neglect may produce significant impacts on children's psychological development, although these experiences are often naturalized or disregarded by adults. This is a qualitative, theoretical-conceptual study conducted through a narrative literature review based on classical references in psychoanalysis and human development, especially Freud, Bowlby, Winnicott, Ferenczi, and Erikson. The theoretical analysis suggests that grief, when not recognized or elaborated, may affect the child's psychological constitution, influencing processes of symbolization, the establishment of secure attachments, and emotional regulation. The literature also indicates that the environment plays a fundamental role in the elaboration of losses, and that the absence of listening and validation of children's suffering may intensify psychological distress and contribute to the emergence of emotional and behavioral symptoms. It is concluded that unrecognized grief in childhood represents a relevant field of study, with direct implications for children's mental health and for practices in care, education, and psychological intervention, highlighting the need for greater recognition and support regarding children's suffering.

Keywords: Childhood grief; Child development; Psychoanalysis; Psychological suffering; Affective bonds.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo analizar los duelos invisibilizados en la infancia y sus implicaciones para el desarrollo infantil, considerando que las experiencias de pérdida en esta etapa no siempre son socialmente reconocidas como formas legítimas de duelo. Se parte de la comprensión de que las separaciones, rupturas de vínculos afectivos, cambios de contexto y negligencia emocional pueden repercutir significativamente en el desarrollo psíquico del niño, aunque frecuentemente sean naturalizadas o desconsideradas por los adultos. Se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza teórico-conceptual, desarrollada mediante una revisión narrativa de la literatura, fundamentada en referentes clásicos del psicoanálisis y del desarrollo

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

humano, especialmente Freud, Bowlby, Winnicott, Ferenczi y Erikson. El análisis teórico permitió comprender que las experiencias de pérdida no reconocidas o insuficientemente elaboradas pueden interferir en la constitución psíquica infantil, afectando los procesos de simbolización, el establecimiento de vínculos afectivos seguros y la regulación emocional.Los referentes analizados también sugieren que el entorno ejerce un papel central en la elaboración de las pérdidas, de modo que la ausencia de escucha y validación del sufrimiento infantil puede intensificar los procesos de sufrimiento psíquico y favorecer manifestaciones emocionales y conductuales.Se concluye que los duelos invisibilizados en la infancia constituyen un campo relevante de investigación, con implicaciones para la salud mental infantil y para las prácticas de cuidado, educación y clínica psicológica, reforzando la necesidad de un mayor reconocimiento y acogida de las experiencias subjetivas del niño.

Palabras clave: Duelo infantil. Desarrollo infantil. Psicoanálisis. Sufrimiento psíquico. Vínculos afectivos.

1. INTRODUÇÃO

A infância é frequentemente concebida como um período de leveza, proteção e desenvolvimento contínuo. No entanto, essa visão idealizada pode obscurecer experiências significativas de perda e sofrimento vividas pelas crianças, especialmente aquelas que não são socialmente reconhecidas como luto. Tais experiências, denominadas lutos invisibilizados, incluem não apenas a morte de entes queridos, mas também separações, mudanças abruptas, negligência emocional, rupturas familiares, perdas de vínculos significativos, mudanças de escola, adoção, institucionalização e outras formas de perda simbólica que impactam profundamente o psiquismo infantil. Como aponta Freud (1917/2010), o luto refere-se a uma reação natural diante da perda de um objeto investido de afeto, sendo um processo essencial para a reorganização psíquica; entretanto, quando esse processo não é reconhecido ou validado, pode gerar entraves no desenvolvimento emocional e na capacidade de investir em novos vínculos.

Além disso, é importante considerar que a forma como a criança vivencia o luto difere significativamente da experiência adulta. Segundo Aberastury (1984), a criança elabora suas perdas de maneira fragmentada, alternando momentos de aparente indiferença com manifestações intensas de sofrimento, o que pode levar adultos a subestimar ou desconsiderar a profundidade dessas vivências. Essa oscilação faz com que o luto infantil seja, muitas vezes, interpretado como comportamento “normal da idade”, invisibilizando sinais de sofrimento psíquico que demandariam acolhimento e escuta qualificada.

Nesse sentido, a invisibilização do sofrimento infantil contribui para a ausência de espaços de escuta e elaboração, dificultando a simbolização das perdas. Segundo Bowlby (1980), as experiências precoces de separação e perda estão diretamente relacionadas à formação dos vínculos afetivos e podem repercutir ao longo de toda a vida. A ruptura ou fragilidade desses vínculos pode comprometer o sentimento de segurança da criança, afetando sua capacidade de explorar o ambiente, regular emoções e estabelecer relações futuras. Winnicott

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

(1965) também ressalta a importância de um ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar emocionalmente a criança, especialmente em momentos de ruptura, sendo esse suporte fundamental para a continuidade do desenvolvimento saudável.

Quando não elaboradas, tais vivências podem se manifestar por meio de sintomas diversos, como ansiedade, retraimento, agressividade, dificuldades escolares, somatizações e alterações no comportamento, muitas vezes interpretadas de forma isolada, sem a devida consideração de sua origem psíquica. Nesse contexto, o sintoma pode ser compreendido como uma forma de comunicação do sofrimento, uma tentativa da criança de dar expressão a algo que ainda não pode ser simbolizado verbalmente (Klein, 1932). Assim, ignorar esses sinais implica não apenas negligenciar o sofrimento, mas também comprometer intervenções precoces que poderiam favorecer o desenvolvimento emocional.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel do contexto sociocultural na validação ou negação do luto infantil. Em muitas situações, perdas consideradas "menos graves" pelos adultos, como a separação dos pais ou a perda de um animal de estimação, são deslegitimadas, reforçando a ideia de que a criança "não entende" ou "esquece rápido". Contudo, tais experiências podem representar rupturas significativas no mundo interno da criança, exigindo processos de elaboração tão importantes quanto aqueles decorrentes de perdas mais explicitamente reconhecidas. Como destaca Worden (1998), o luto envolve tarefas psíquicas que precisam ser atravessadas, independentemente da idade, para que a perda possa ser integrada à experiência subjetiva.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo busca responder à seguinte questão: quais são os lutos invisibilizados presentes na infância e quais seus impactos no processo de desenvolvimento? Como objetivo geral, pretende-se analisar esses lutos e suas implicações no desenvolvimento infantil. Especificamente, procura-se descrever o conceito de luto e identificar os principais lutos invisibilizados na infância; compreender as formas de manifestação do sofrimento psíquico infantil decorrente dessas perdas; discutir, à luz da psicanálise e das teorias do desenvolvimento, os impactos dessas experiências na constituição psíquica da criança; e, por fim, destacar a importância do reconhecimento do sofrimento infantil e da criação de espaços de escuta que favoreçam a elaboração das perdas.

A investigação sobre os lutos invisibilizados na infância mostra-se relevante diante da recorrente negligência social e científica em relação ao sofrimento psíquico infantil. Embora o luto seja amplamente reconhecido como uma experiência humana fundamental, sua manifestação na infância ainda é, muitas vezes, subestimada, silenciada ou mal compreendida, sobretudo quando não está associada à morte concreta. Perdas simbólicas, como separações familiares, mudanças de contexto, negligência afetiva ou rupturas nos vínculos, tendem a não ser legitimadas como experiências de luto, o que contribui para a invisibilização do sofrimento da criança e para a ausência de intervenções adequadas.

ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

Essa lacuna no reconhecimento do luto infantil pode gerar impactos significativos no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Conforme apontam referenciais psicanalíticos e do desenvolvimento, a elaboração das perdas é um processo essencial para a constituição psíquica saudável. Quando impedida ou dificultada, pode resultar em manifestações sintomáticas diversas, que frequentemente são interpretadas de maneira descontextualizada, sem a devida compreensão de sua relação com experiências de perda. Assim, torna-se fundamental ampliar o olhar sobre o comportamento infantil, compreendendo-o como possível expressão de vivências subjetivas não elaboradas.

Além disso, o tema se justifica pela necessidade de fomentar práticas mais sensíveis e qualificadas nos campos da psicologia, educação e cuidado infantil. Profissionais que atuam com crianças frequentemente se deparam com manifestações de sofrimento que exigem escuta atenta e compreensão aprofundada dos processos emocionais envolvidos. A ausência de reconhecimento dos lutos invisibilizados pode levar à adoção de estratégias inadequadas de manejo, reforçando o silenciamento da criança e dificultando a elaboração psíquica das perdas.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para o aprofundamento teórico acerca do luto infantil, especialmente no que se refere às suas formas menos evidentes. Ao articular contribuições da psicanálise e das teorias do desenvolvimento, a pesquisa busca preencher lacunas na literatura e promover uma compreensão mais abrangente sobre os impactos das perdas não reconhecidas na infância. A escolha por uma abordagem qualitativa e teórico-conceitual permite explorar o fenômeno em sua complexidade, valorizando a dimensão subjetiva das experiências infantis.

Por fim, justifica-se também pela relevância social do tema, considerando que o reconhecimento e a validação do sofrimento infantil são fundamentais para a promoção de saúde mental desde os primeiros anos de vida. Ao dar visibilidade aos lutos invisibilizados, este estudo pretende contribuir para a construção de espaços de escuta e acolhimento, favorecendo a elaboração das perdas e o desenvolvimento emocional saudável das crianças.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-conceitual, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura. Essa abordagem permite uma compreensão aprofundada dos conceitos e contribuições teóricas existentes sobre o tema, possibilitando articular diferentes perspectivas acerca dos lutos invisibilizados e seus efeitos no desenvolvimento infantil. Ao reunir e analisar criticamente a produção teórica, o estudo busca não apenas ampliar a compreensão sobre o fenômeno, mas também contribuir para práticas mais sensíveis no campo da psicologia, educação e cuidado infantil, reconhecendo a criança como sujeito de sofrimento e de elaboração psíquica.

2 Metodologia

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórico-conceitual, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura. A escolha dessa abordagem decorre da necessidade de compreender, em profundidade, os significados e as implicações dos lutos invisibilizados na infância, considerando a complexidade dos processos subjetivos envolvidos nas experiências de perda e suas possíveis repercussões no desenvolvimento infantil.

A revisão narrativa foi adotada por possibilitar a articulação entre diferentes referenciais teóricos e a construção de uma compreensão interpretativa sobre o fenômeno investigado. Diferentemente de estudos empíricos, esta pesquisa não buscou testar hipóteses nem produzir generalizações estatísticas, mas reunir e discutir contribuições teóricas relevantes para ampliar a compreensão sobre os processos de luto na infância (GIL 2008).

Para a composição do corpus teórico, foram selecionadas obras consideradas relevantes para a discussão do tema, priorizando autores clássicos e contribuições amplamente reconhecidas nos campos da psicanálise e do desenvolvimento humano. A seleção ocorreu com base na pertinência temática em relação aos seguintes eixos de análise: experiências de perda na infância, elaboração do luto, vínculos afetivos, constituição psíquica e papel do ambiente no desenvolvimento emocional.

Entre os principais referenciais utilizados, destacam-se Freud (1917/2010), com a compreensão do luto como processo psíquico relacionado à elaboração da perda; Winnicott (1965), por meio das formulações sobre ambiente suficientemente bom, holding e desenvolvimento emocional; Ferenczi (1932/1992), especialmente pelas contribuições acerca do trauma e do desmentido; Bowlby (1980), com a teoria do apego e suas relações com separação e perda; e Erikson (1950/1976), cuja perspectiva psicossocial contribui para compreender os efeitos das experiências de ruptura ao longo do desenvolvimento.

A análise do material foi conduzida de forma interpretativa e analítica, buscando identificar aproximações conceituais, pontos de convergência e contribuições dos autores para a compreensão dos lutos invisibilizados na infância. O objetivo não consistiu em verificar relações causais ou estabelecer evidências empíricas, mas discutir como diferentes perspectivas teóricas permitem compreender os possíveis impactos das perdas não reconhecidas sobre o desenvolvimento infantil.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

Por se tratar de uma pesquisa fundamentada exclusivamente em material bibliográfico, não houve participação direta de seres humanos nem produção de dados primários, não sendo necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram observados os princípios éticos da produção científica, especialmente quanto à fidedignidade na interpretação das obras consultadas e à adequada atribuição das referências utilizadas.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu construir uma discussão teórica sobre os lutos invisibilizados na infância, destacando sua relevância para a compreensão do sofrimento psíquico infantil e para o desenvolvimento de práticas de cuidado mais sensíveis ao reconhecimento das experiências subjetivas da criança.

3 Revisão da Literatura

3.1 O LUTO INFANTIL À LUZ DA TEORIA CLÁSSICA DE ELISABETH KÜBLER-ROSS

A compreensão do luto infantil demanda a articulação de diferentes referenciais teóricos que permitam apreender a complexidade das reações emocionais diante da perda. Nesse contexto, a teoria clássica do luto proposta por Elisabeth Kübler-Ross (1969/1998) oferece uma importante contribuição ao descrever o processo de enfrentamento da perda por meio de cinco estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora originalmente formulada a partir da experiência de pacientes terminais, essa teoria foi amplamente difundida e aplicada à compreensão do luto em diferentes contextos, incluindo o infantil, com as devidas adaptações.

No caso das crianças, esses estágios não se apresentam de forma linear ou organizada, mas sim de maneira fluida, alternada e, muitas vezes, fragmentada. A negação, por exemplo, pode se manifestar na dificuldade da criança em compreender a irreversibilidade da perda, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento cognitivo. É comum que a criança fantasie o retorno da pessoa ou situação perdida, evidenciando uma tentativa psíquica de preservar o vínculo diante da ausência. Essa reação não deve ser interpretada como ausência de sofrimento, mas como um mecanismo de proteção frente a uma realidade ainda difícil de simbolizar.

A raiva, outro estágio descrito por Kübler-Ross, pode aparecer no comportamento infantil sob a forma de irritabilidade, agressividade ou oposição, frequentemente direcionadas a figuras próximas, como cuidadores e professores. Muitas vezes, essa manifestação é mal interpretada como problema disciplinar, quando, na verdade, expressa a dor e a frustração decorrentes da perda. A barganha, por sua vez, pode surgir em fantasias ou pensamentos mágicos, nos quais a criança acredita que determinados comportamentos ou promessas

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

poderiam reverter a perda, revelando a presença de sentimento de culpa ou responsabilidade.

O estágio de depressão, na infância, pode ser observado por meio de retraimento, apatia, alterações no sono e na alimentação, além de perda de interesse por atividades anteriormente prazerosas. Diferentemente dos adultos, a criança pode não verbalizar diretamente sua tristeza, expressando-a por meio de comportamentos ou sintomas físicos. Por fim, a aceitação não implica esquecimento ou ausência de dor, mas a capacidade gradual de integrar a perda à experiência de vida, permitindo que a criança retome seu desenvolvimento de forma mais adaptativa.

É importante destacar que a teoria de Kübler-Ross, embora amplamente reconhecida, não deve ser utilizada de maneira rígida ou normativa, especialmente no contexto infantil. Autores contemporâneos ressaltam que o luto é um processo singular, influenciado por fatores como a idade da criança, seu estágio de desenvolvimento, a natureza da perda, a qualidade dos vínculos estabelecidos e o suporte oferecido pelo ambiente. Assim, os estágios devem ser compreendidos como possibilidades emocional, e não como etapas obrigatórias ou universais.

No luto infantil, a presença de um adulto sensível e disponível é fundamental para auxiliar na nomeação e na elaboração dos sentimentos vivenciados. A escuta qualificada, o acolhimento das manifestações emocionais e a validação da experiência da criança são elementos essenciais para favorecer a travessia do luto. Quando essas condições não são oferecidas, há o risco de que o processo de elaboração seja interrompido ou dificultado, podendo gerar repercussões no desenvolvimento emocional.

Dessa forma, a teoria de Kübler-Ross contribui para a compreensão das diferentes formas de manifestação do luto infantil, ao evidenciar que a criança, assim como o adulto, vivencia um processo emocional complexo diante da perda. Reconhecer essas manifestações e oferecer suporte adequado são passos fundamentais para promover a saúde mental e o desenvolvimento saudável na infância.

3.2 O luto não elaborado e suas implicações na constituição psíquica

A compreensão do luto como um processo psíquico fundamental encontra em Freud (1917/2010), na obra *Luto e Melancolia*, um de seus principais referenciais teóricos. Para o autor, o luto consiste em uma reação natural diante da perda de um objeto investido de afeto, implicando um trabalho psíquico de desligamento libidinal desse objeto perdido. Esse processo, embora doloroso, é considerado necessário para que o sujeito possa reinvestir em novos objetos e dar continuidade à vida psíquica. No entanto, quando esse trabalho de luto não se realiza de forma adequada, pode ocorrer uma fixação na perda, levando a quadros mais complexos, como a melancolia, caracterizada por um rebaixamento da autoestima, autorrecriminação e identificação patológica com o objeto perdido.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

No contexto infantil, o luto não elaborado assume contornos ainda mais delicados, uma vez que a criança encontra-se em processo de constituição psíquica e depende do outro para significar suas experiências emocionais. Quando suas perdas não são reconhecidas ou validadas, há um risco de interrupção ou distorção desse processo elaborativo. Nesse sentido, as contribuições de Ferenczi (1932/1992) são fundamentais ao destacar o papel do desmentido no agravamento do trauma. Segundo o autor, quando o sofrimento da criança é negado ou minimizado pelo adulto, ocorre uma ruptura na confiança básica, impedindo a simbolização da experiência e favorecendo a internalização do sofrimento de forma não elaborada.

Winnicott (1965), por sua vez, enfatiza a importância do ambiente suficientemente bom na sustentação emocional da criança. Para o autor, a presença de um cuidador capaz de oferecer holding, isto é, um suporte físico e psíquico adequado, é essencial para que a criança possa atravessar experiências de perda sem desorganização significativa. A ausência desse suporte pode levar a falhas no desenvolvimento emocional, dificultando a integração das experiências e comprometendo a capacidade de estar só, que é um indicador de maturidade psíquica. Assim, o luto não elaborado pode se inscrever como uma falha ambiental, repercutindo em inseguranças profundas e dificuldades relacionais.

A teoria do apego de Bowlby (1980) também contribui significativamente para a compreensão das implicações do luto não elaborado. O autor demonstra que as experiências precoces de separação e perda afetam diretamente a formação dos vínculos afetivos e a sensação de segurança da criança. Quando essas experiências não são devidamente elaboradas, podem resultar em padrões de apego inseguros, dificultando o estabelecimento de relações estáveis e confiáveis ao longo da vida. Além disso, a criança pode desenvolver estratégias defensivas, como evitação emocional ou dependência excessiva, como formas de lidar com a angústia da perda não simbolizada.

Klein (1932) acrescenta a essa discussão ao enfatizar que a capacidade de elaborar perdas está relacionada à integração das posições psíquicas iniciais, especialmente a posição depressiva. A não elaboração do luto pode impedir essa integração, mantendo a criança em estados mais primitivos de funcionamento, marcados por angústias persecutórias e dificuldades na diferenciação entre o eu e o outro. Nesse sentido, o luto não elaborado compromete não apenas a relação com o objeto perdido, mas também a organização interna do sujeito.

As implicações do luto não elaborado podem se manifestar de diversas formas no comportamento infantil, incluindo sintomas como ansiedade, agressividade, retraimento, dificuldades escolares, somatizações e alterações no sono e na alimentação. Tais manifestações, muitas vezes, são interpretadas de maneira isolada, sem a devida consideração de sua origem psíquica, o que contribui para a manutenção do sofrimento. Como aponta Worden (1998), o não cumprimento das tarefas do luto pode levar a um luto complicado, no qual a pessoa permanece emocionalmente vinculada à perda de maneira disfuncional.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

Dessa forma, compreender o luto não elaborado na infância implica reconhecer a criança como sujeito de sofrimento e de elaboração psíquica, cuja experiência de perda necessita ser acolhida, nomeada e simbolizada. A ausência desse reconhecimento não apenas intensifica o sofrimento, mas também pode deixar marcas duradouras no desenvolvimento emocional, afetando a constituição do self e a qualidade dos vínculos ao longo da vida.

3.3 O ambiente, o holding e a capacidade de estar só: contribuições de winnicott para a compreensão do luto infantil

A compreensão do luto infantil, especialmente em situações de perdas invisibilizadas, pode ser significativamente ampliada a partir das contribuições de Winnicott (1965), ao enfatizar o papel do ambiente no desenvolvimento emocional da criança. Para o autor, o amadurecimento psíquico não ocorre de forma isolada, mas depende fundamentalmente da qualidade do ambiente oferecido, especialmente nas fases iniciais da vida. Nesse sentido, a noção de "ambiente suficientemente bom" refere-se à capacidade do cuidador de responder de maneira sensível e adequada às necessidades da criança, oferecendo sustentação emocional para que ela possa integrar suas experiências, inclusive as de perda.

Diante de situações de luto, essa sustentação torna-se ainda mais essencial. O conceito de holding, central na teoria winnicottiana, diz respeito à função de amparo físico e psíquico exercida pelo cuidador, que possibilita à criança sentir-se segura para vivenciar e expressar suas emoções. Segundo Winnicott (1965), é por meio desse suporte que a criança desenvolve a confiança básica no ambiente, condição indispensável para enfrentar experiências potencialmente desorganizadoras, como as perdas. Quando o holding falha ,seja por ausência, negligência ou incapacidade emocional do cuidador, a criança pode vivenciar o luto de forma solitária e não simbolizada, o que compromete a elaboração psíquica da experiência.

Nesse contexto, o luto infantil não pode ser compreendido apenas como uma reação individual, mas como um processo que depende diretamente da qualidade das relações estabelecidas com o ambiente. A ausência de um espaço de escuta e acolhimento pode levar a criança a desenvolver defesas precoces, como o falso self, conceito também desenvolvido por Winnicott, no qual o sujeito se adapta excessivamente às exigências externas, em detrimento de sua espontaneidade e autenticidade. Assim, o sofrimento decorrente da perda pode ser mascarado, dificultando sua expressão e elaboração.

Outro conceito fundamental para essa discussão é a capacidade de estar só, que, para Winnicott (1958/1983), não se refere ao isolamento, mas à possibilidade de a criança sustentar sua existência psíquica mesmo na ausência momentânea do outro, desde que tenha internalizado uma experiência prévia de cuidado confiável. Essa capacidade é construída gradualmente, a partir de vivências em que a

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

presença do cuidador é suficientemente estável e previsível. No contexto do luto, essa habilidade permite que a criança entre em contato com seus sentimentos de perda sem se desorganizar completamente, favorecendo a elaboração interna da experiência.

No entanto, quando o ambiente falha de maneira significativa, especialmente em momentos de perda, a criança pode não desenvolver adequadamente essa capacidade, tornando-se mais vulnerável a estados de angústia intensa, desamparo e desintegração psíquica. Nesses casos, o luto tende a permanecer não elaborado, manifestando-se por meio de sintomas ou dificuldades emocionais que podem se prolongar ao longo do desenvolvimento.

Dessa forma, as contribuições de Winnicott permitem compreender que o enfrentamento do luto infantil está intrinsecamente ligado à presença de um ambiente que reconheça, acolha e sustente o sofrimento da criança. Mais do que evitar a dor, trata-se de oferecer condições para que ela possa ser vivida e simbolizada. Assim, o cuidado ambiental assume um papel central na promoção da saúde mental infantil, especialmente diante de perdas que, por vezes, não são reconhecidas socialmente, mas que deixam marcas profundas na constituição psíquica.

3.4 Trauma e desmentido: contribuições de ferenczi para a compreensão dos lutos invisibilizados na infância

A compreensão dos lutos invisibilizados na infância pode ser aprofundada a partir das contribuições de Sándor Ferenczi, especialmente no que se refere às noções de trauma e desmentido. Para o autor, o trauma não se restringe ao evento em si, mas está profundamente relacionado à forma como a experiência é acolhida, ou negada, pelo ambiente. Em seu texto *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, Ferenczi (1932/1992) enfatiza que o sofrimento psíquico da criança se intensifica quando suas vivências emocionais não encontram reconhecimento no outro, configurando o que ele denomina de desmentido.

O desmentido ocorre quando o adulto invalida, minimiza ou ignora a experiência da criança, rompendo a possibilidade de simbolização do vivido. Nesses casos, a criança não apenas enfrenta a dor da perda, mas também a impossibilidade de atribuir sentido a essa dor, uma vez que o ambiente falha em legitimar sua experiência. Esse processo é particularmente relevante no contexto dos lutos invisibilizados, nos quais perdas significativas, como separações, negligência afetiva ou rupturas nos vínculos, não são reconhecidas como dignas de luto, sendo frequentemente desqualificadas ou naturalizadas pelos adultos.

Ferenczi (1932/1992) destaca que, diante do desmentido, a criança pode recorrer a mecanismos defensivos precoces, como a identificação com o agressor ou a clivagem do eu, como formas de preservar o vínculo com o adulto e garantir sua sobrevivência psíquica. Essa adaptação, embora necessária em um primeiro momento, pode resultar em uma organização psíquica fragilizada, marcada por

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

dificuldades na integração das experiências emocionais. No caso do luto não reconhecido, isso implica na impossibilidade de elaborar a perda, que permanece como uma experiência não simbolizada, muitas vezes manifestando-se por meio de sintomas ou comportamentos disfuncionais.

Outro aspecto importante da teoria ferencziana é a ênfase na dimensão relacional do trauma. Para o autor, o trauma se constitui na falha do outro em responder de maneira empática e continente à experiência da criança. Assim, não é apenas o evento de perda que produz o sofrimento, mas a ausência de um ambiente que possa acolher e dar sentido a essa vivência. Essa perspectiva desloca o foco do trauma do acontecimento isolado para a qualidade da relação estabelecida com o cuidador, aproximando-se de outras abordagens que destacam a importância do ambiente no desenvolvimento emocional.

No contexto dos lutos invisibilizados, essa falha relacional pode ser observada quando a criança é impedida de expressar sua dor, seja por discursos que minimizam a perda (“isso não é nada”, “você vai esquecer”) ou por atitudes que evitam o contato com o sofrimento. Essa negação impede a elaboração psíquica e pode levar à internalização de sentimentos de confusão, culpa e desamparo. Como resultado, o luto não se realiza como processo, permanecendo como uma marca silenciosa no psiquismo infantil.

Dessa forma, as contribuições de Ferenczi permitem compreender que o reconhecimento do sofrimento infantil é um elemento central na prevenção de traumas psíquicos. Validar a experiência da criança, oferecer escuta e possibilitar a expressão emocional são condições fundamentais para que o luto possa ser elaborado. A ausência dessas condições não apenas intensifica o sofrimento, mas também compromete o desenvolvimento psíquico, evidenciando a importância de práticas clínicas e educativas que considerem a criança como sujeito de experiência e de sofrimento

3.5 Apego, perda e desenvolvimento psicossocial: contribuições de Bowlby e Erikson para a compreensão do luto infantil.

A compreensão do luto infantil e de seus impactos no desenvolvimento exige a articulação entre a qualidade dos vínculos afetivos e os processos de constituição da identidade. Nesse sentido, a teoria do apego de Bowlby (1980) e a perspectiva psicossocial de Erikson (1950/1976) oferecem importantes contribuições para a análise das experiências de perda na infância. Ambas as abordagens enfatizam que o desenvolvimento emocional da criança está intrinsecamente ligado às relações estabelecidas com figuras significativas e às condições ambientais que sustentam seu crescimento.

De acordo com Bowlby (1980), o apego constitui um sistema comportamental inato, cuja função é garantir a proximidade da criança com suas figuras de cuidado, promovendo segurança e proteção. A formação de vínculos

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

seguros é fundamental para o desenvolvimento saudável, pois permite à criança explorar o ambiente com confiança e retornar ao cuidador em momentos de ameaça ou desconforto. No entanto, experiências de separação, perda ou inconsistência nas relações de cuidado podem gerar rupturas nesse sistema, desencadeando respostas de protesto, desespero e, em alguns casos, desapego emocional. Quando essas experiências não são devidamente elaboradas, podem comprometer a segurança interna da criança e influenciar negativamente suas relações futuras.

No contexto do luto infantil, a perda de uma figura de apego, seja por morte, separação ou negligência, representa uma ameaça significativa à organização psíquica. Bowlby (1980) descreve que a criança pode apresentar comportamentos intensos de busca pela figura perdida, seguidos por estados de tristeza e retraimento. Quando o ambiente não oferece suporte adequado para a elaboração dessa perda, há o risco de desenvolvimento de padrões de apego inseguros, como o apego ansioso ou evitativo, que se manifestam em dificuldades de confiança, medo de abandono ou distanciamento emocional.

Complementando essa perspectiva, a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950/1976) propõe que o crescimento humano ocorre por meio de estágios, cada um marcado por um conflito central que precisa ser resolvido para a aquisição de competências emocionais e sociais. Nos primeiros anos de vida, por exemplo, a criança enfrenta o conflito entre confiança versus desconfiança, cuja resolução depende da consistência e da responsividade do ambiente. Experiências de perda ou ruptura nos vínculos, especialmente quando não reconhecidas ou elaboradas, podem interferir negativamente nessa etapa, dificultando a construção de uma base segura para o desenvolvimento subsequente.

À medida que a criança avança em seu desenvolvimento, outros conflitos psicossociais, como autonomia versus vergonha e iniciativa versus culpa, também podem ser impactados por experiências de luto não elaborado. A ausência de suporte emocional diante da perda pode gerar sentimento de insegurança, culpa ou incapacidade, afetando a autoestima e a forma como a criança se percebe no mundo. Dessa forma, o luto não se limita a uma reação pontual, mas pode atravessar diferentes dimensões do desenvolvimento, influenciando a constituição da identidade e das relações interpessoais.

A articulação entre Bowlby e Erikson permite compreender que o impacto do luto infantil não depende apenas da perda em si, mas da qualidade das relações e do contexto em que essa perda ocorre. Um ambiente que oferece acolhimento, escuta e estabilidade pode favorecer a elaboração da perda e a resolução mais adaptativa dos conflitos psicossociais. Por outro lado, a ausência dessas condições pode intensificar o sofrimento e comprometer o desenvolvimento emocional da criança.

Dessa forma, reconhecer a importância dos vínculos afetivos e dos estágios do desenvolvimento psicossocial é fundamental para compreender as repercussões

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

do luto infantil. A partir dessas contribuições teóricas, torna-se possível pensar em práticas de cuidado que promovam segurança emocional, favoreçam a elaboração das perdas e sustentem o desenvolvimento saudável, mesmo diante de experiências adversas.

6 Resultados e discussão

A análise teórica desenvolvida neste estudo permitiu compreender que os lutos invisibilizados na infância constituem experiências subjetivas que ultrapassam perdas socialmente reconhecidas, como a morte de familiares, alcançando situações de ruptura e descontinuidade dos vínculos afetivos. Entre essas experiências, destacam-se separações familiares, negligência emocional, mudanças significativas de contexto e perdas simbólicas que podem repercutir no desenvolvimento emocional da criança quando não encontram espaço para reconhecimento e elaboração.

A partir da perspectiva freudiana, o luto é compreendido como um processo psíquico relacionado à elaboração da perda de um objeto investido afetivamente (Freud, 1917/2010). Nesse sentido, a literatura discutida sugere que, quando experiências de perda não encontram possibilidades de simbolização ou validação emocional, podem surgir dificuldades na reorganização psíquica e na construção de novos investimentos afetivos. No contexto infantil, essa questão assume maior complexidade em razão da dependência da criança em relação ao ambiente para atribuir significado às próprias experiências emocionais.

As contribuições de Bowlby (1980) ampliam essa compreensão ao indicar que experiências de separação ou ruptura envolvendo figuras significativas podem interferir na organização dos vínculos afetivos e na percepção de segurança emocional. Sob essa perspectiva, o impacto da perda não se restringe ao acontecimento em si, mas envolve a forma como o ambiente responde à experiência vivida pela criança. Assim, situações de perda que não recebem acolhimento ou reconhecimento podem favorecer padrões relacionais marcados por insegurança e dificuldades emocionais posteriores.

Em diálogo com essa perspectiva, Erikson (1950/1976) permite compreender que as experiências de perda podem atravessar diferentes momentos do desenvolvimento psicossocial. Considerando que os primeiros estágios do desenvolvimento envolvem processos relacionados à construção da confiança, autonomia e iniciativa, experiências de ruptura acompanhadas de ausência de

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

suporte emocional podem dificultar a elaboração subjetiva dessas vivências e interferir na percepção que a criança constrói de si mesma e do ambiente.

As contribuições de Winnicott (1965) reforçam a centralidade do ambiente na sustentação emocional durante experiências de perda. Os conceitos de ambiente suficientemente bom e holding permitem interpretar o processo de elaboração do luto infantil como uma experiência relacional, dependente da existência de condições que favoreçam acolhimento, continuidade emocional e expressão subjetiva. Nessa perspectiva, dificuldades na elaboração das perdas podem estar associadas não apenas ao evento vivido, mas também à ausência de condições ambientais que auxiliem a criança na integração dessa experiência.

De forma complementar, Ferenczi (1932/1992) contribui para compreender como a invalidação ou minimização do sofrimento infantil pode intensificar o caráter traumático das experiências de perda. O conceito de desmentido permite interpretar situações em que o sofrimento da criança não encontra reconhecimento por parte dos adultos, dificultando processos de simbolização e elaboração psíquica. Sob esse olhar, os lutos invisibilizados deixam de ser compreendidos apenas como eventos internos e passam a ser entendidos como fenômenos produzidos na relação entre sujeito e ambiente.

A articulação entre os referenciais teóricos utilizados permitiu construir uma compreensão integrada do fenômeno estudado. Em vez de localizar o sofrimento exclusivamente na experiência da perda, os autores discutidos convergem ao indicar a relevância das relações de cuidado, da qualidade dos vínculos e das possibilidades de escuta oferecidas à criança.

Dessa forma, esta discussão sugere que reconhecer os lutos invisibilizados na infância pode contribuir para ampliar práticas de cuidado, educação e acompanhamento psicológico mais sensíveis às experiências subjetivas da criança. Mais do que interpretar manifestações emocionais e comportamentais de forma isolada, torna-se relevante considerar a possibilidade de que determinados comportamentos expressem experiências de perda que não encontraram espaço para elaboração.

7 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar os lutos invisibilizados na infância e suas possíveis implicações para o desenvolvimento infantil, partindo da

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

compreensão de que experiências de perda vividas nesse período nem sempre são reconhecidas socialmente como formas legítimas de luto. A partir da revisão teórico-conceitual realizada, foi possível ampliar a compreensão sobre como diferentes formas de ruptura, incluindo separações, mudanças de contexto, negligência emocional e perdas de vínculos significativos, podem assumir relevância subjetiva na experiência infantil.

A discussão desenvolvida permitiu compreender que o luto infantil não deve ser reduzido exclusivamente às situações de morte, uma vez que perdas simbólicas e relacionais também podem mobilizar processos emocionais significativos. Nesse sentido, os referenciais teóricos analisados convergem ao indicar que o impacto dessas experiências está relacionado não apenas ao evento de perda, mas às condições oferecidas pelo ambiente para que a criança possa reconhecer, expressar e elaborar o sofrimento vivenciado.

Ao articular contribuições da psicanálise e das teorias do desenvolvimento humano, o estudo evidenciou a importância dos vínculos afetivos, do cuidado emocional e da validação da experiência infantil como elementos relevantes para o desenvolvimento psíquico. A análise realizada sugere que a ausência de escuta e acolhimento pode dificultar processos de elaboração das perdas e favorecer manifestações emocionais e comportamentais que nem sempre são compreendidas em sua relação com experiências de luto.

Como contribuição teórica, este trabalho buscou reunir diferentes perspectivas para discutir os lutos invisibilizados na infância como um fenômeno que atravessa aspectos emocionais, relacionais e desenvolvimentais. Além disso, procurou reforçar a necessidade de ampliar o reconhecimento do sofrimento infantil nos contextos clínico, familiar e educacional, favorecendo práticas mais sensíveis às experiências subjetivas da criança.

Entretanto, este estudo apresenta limitações decorrentes de sua natureza teórico-conceitual e do uso da revisão narrativa da literatura, o que não permite estabelecer relações causais nem produzir generalizações empíricas sobre o fenômeno investigado. As interpretações apresentadas estão fundamentadas nos referenciais teóricos selecionados e devem ser compreendidas dentro desse recorte analítico.

Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a investigação por meio de estudos empíricos que explorem como crianças de diferentes faixas etárias vivenciam e significam experiências de perda consideradas socialmente pouco

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/04/2026 - **Accepted:** 29/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/cant0s38
Pages: 1-17

reconhecidas. Também se mostra pertinente investigar como contextos como escola, família e serviços de saúde podem contribuir para o reconhecimento e elaboração dessas experiências.

Por fim, considera-se que ampliar o olhar sobre os lutos invisibilizados na infância representa uma possibilidade de fortalecer práticas de cuidado comprometidas com a escuta e com o reconhecimento da criança como sujeito de experiência, sofrimento e elaboração psíquica.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus lutos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOWLBY, John. *Apego e perda: perda, tristeza e depressão*. v. 3. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERENCZI, Sándor. Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Gil, Antônio Carlos. Métodos e técnicas em pesquisa social.6 ed. São Paulo, Atlas, 2008.

KLEIN, Melanie. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1932.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica*. São Paulo: Lamparina, 2023.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1965.

WINNICOTT, Donald W. A capacidade de estar só (1958). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WORDEN, J. William. *Terapia do luto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.